

ANÁLISE EXISTENCIAL DO FILME *HER* A PARTIR DA ONTOLOGIA SARTREANA DO CORPO

Jaqueline Eyng (Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisa de Iniciação Científica - PIC); Priscila Ferreira de Oliveira (Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisa de Iniciação Científica – PIC); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia da UEM).

contato: jaqueyng@gmail.com

Considerando a crescente utilização das tecnologias cibernéticas na sociedade atual, torna-se um desafio para as ciências humanas compreender as mudanças de ordem social, cultural, econômica e subjetiva promovidas pelas vivências nesse contexto. A fim de investigar a temática, este resumo refere-se a análise do filme *Her*, do diretor Spike Jonze, como um recorte da Pesquisa de Iniciação Científica (PIC), de cunho teórico-conceitual, intitulada “O corpo no ciberespaço: reflexões a partir da ontologia sartreana e contribuições à psicologia”. O filme *Her* nos auxilia a problematizar as questões socioculturais, históricas e éticas que emergem na contemporaneidade. Retrata com tom futurístico a relação humano-máquina na sociedade atual e as transformações que o uso do ciberespaço tem feito nas relações humanas. O longa conta a história do solitário escritor Theodore (Joaquin Phoenix), chamado pelas personagens do filme de Theo, o qual desenvolve uma relação amorosa com um sistema operacional dotado de inteligência artificial (OS), denominada por Samantha (voz de Scarlett Johansson). Com base nessa narrativa, algumas questões sobre o ciberespaço, a realidade virtual e as dimensões ontológicas puderam ser discutidas mais amplamente, a partir da concepção de corpo de Jean-Paul Sartre em *O ser e o nada* que delimita três dimensões ontológicas: o corpo como ser-Para-si (concreto), o corpo como ser-Para-outro (abstrato) e o corpo como ser-Para-si-Para-outro. A partir do filme observou-se que é o protagonista Theo, enquanto ser-Para-si, dotado da capacidade de nadificar, projetar-se e, assim, transcender àquilo que apreende à sua volta, quem dá, através de uma consciência imaginante, existência corporal ao Sistema Operacional (Samantha). O protagonista, nessa relação, vivencia o corpo de Samantha, mesmo em sua ausência corpórea, enquanto corpo concreto, o qual se mostra a ele por meio das ações desta; e apreende o corpo abstrato de Samantha enquanto um objeto-ferramenta que está ali para atender às suas necessidades e complementá-lo – assim como se espera que a tecnologia faça pelo humano, em razão de suas limitações de cunho ontológico. Consideramos com essa investigação, que embora novas funções e potencialidades tenham sido inseridas pelo ciberespaço, o corpo, em sua dimensão abstrata, existe tanto no espaço virtual, quanto no atual, enquanto transcendência transcendida (corpo como ser-Para-Outro). Visto, portanto, a relação retratada no longa entre técnica e humano, representada por esses dois personagens, podemos também considerar que, de forma análoga, aquilo que a técnica é, deve-se, sobretudo pelo projeto de quem a utiliza ou de quem com ela estabelece algum tipo de relação. No caso, Theodore busca na máquina, a quem reconhece como alguém dotado de liberdade, um complemento a si mesmo e a segurança de uma relação mais estável e controlável. Por fim, a partir do diálogo realizado entre a ontologia sartreana sobre o corpo e a temática do filme *Her*, pode-se fomentar reflexões acerca da relação humano-máquina, de forma que as tensões contemporâneas e os dilemas existenciais, os quais muitas vezes fogem ao escopo do discurso científico, sejam representados também através da arte.

Palavras-chave: Sartre. Virtual. Corpo.